

SANGUE DOURADO:

**QUANTO VALE A
VIDA?**

VANUSA DA SILVA

Direitos autorais © 2021 Vanusa da Silva Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

ISBN-13: 9781234567890

ISBN-10 1477123456

Design da capa por: Vanusa da Silva

Diagramação: Vanusa da Silva

Revisão Ortográfica: Jovana Gaiotti Furlan.

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2018675309

Impresso nos Estados Unidos da América

*À minha mãe Antônia (Totonha) que
é a luz da minha vida. À minha
irmã Marilena e a todos os
portadores do Sangue dourado.*

ÍNDICE

PARTE I - SEJA O HERÓI DE ALGUÉM	
CAPÍTULO I - SUCESSÃO HEREDITÁRIA	9
CAPÍTULO II - SANGUE DOURADO: O OURO HUMANO?	23
CAPÍTULO III - SONHE ACORDADA, POR FAVOR...	33
CAPÍTULO IV - SE PRECISAR DOU O MEU SANGUE	51
PARTE II - A VIDA É CÍCLICA	
CAPÍTULO V - UMA NOVA SUCESSÃO	81
CAPÍTULO VI - MORRER PARA VIVER?	97
CAPÍTULO VII - O REENCONTRO	114
CAPÍTULO VIII - QUANTO VALE A VIDA?	124
CAPÍTULO IX - SANGUE POR SANGUE	142
POSFÁCIO	157
EU FUI SALVA...	158
EU SALVO VIDAS...	159
AGRADECIMENTOS	161
SOBRE A AUTORA	163
TRILOGIA SANGUE DOURADO	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165

APRESENTAÇÃO

A ideia para a trilogia Sangue dourado nasceu, enquanto eu escrevia o meu trabalho de conclusão de curso, em 2020. Naquele mesmo ano, em julho, li uma matéria no site da “BBC Brasil” sobre duas irmãs brasileiras (cujas identidades estão em sigilo pelo Cadastro Nacional de Sangue Raro) sobre o chamado Rh nulo, também conhecido como sangue dourado. Achei interessantíssimo retratar esse tema, sobre o qual eu também havia escutado pouco. Em uma breve pesquisa com alguns amigos, questionei-os se eles conheciam esse tipo sanguíneo. Foram unânimes em dizer que não. Procurei quatro médicos (entre eles hematologistas) que também afirmaram desconhecer. Entendi, ainda mais a necessidade de escrever sobre o sangue mais raro que existe. Duas semanas após eu ser aprovada em meu trabalho de conclusão, comecei a escrever a história que apresento a vocês, leitores. Confesso que me enganei ao pensar que tudo caberia em um único livro. No desenrolar da escrita, entendi que precisava dar asas à imaginação e presentear o leitor gradualmente e, assim nascia a trilogia Sangue Dourado... Neste primeiro livro, por meio do olhar das personagens, Maria Antônia, Clarice e Laurinha,

iremos entender quais os perigos que os portadores do sangue dourado enfrentam.

Acompanhamos a saga que entremeia amor, doação, ambição, amizades, busca pelo poder e traições. A história contada neste livro de ficção, revela que o infrequente neste mundo se torna alvo dos ambiciosos e inescrupulosos, principalmente, em um momento em que o mundo está travando uma grande batalha para saber quem tem mais valor: a vida humana, o poder ou o dinheiro... É ficção, mas com muito tom de realidade.

A Autora

PARTE I - SEJA O HERÓI DE ALGUÉM...

SAIBA QUE AO DOAR SANGUE VOCÊ...



DOA ESPERANÇA, VIDA
E UMA NOVA CHANCE
DE VER O NASCER DO
SOL A QUEM RECEBE...

SEJA O HERÓI DE ALGUÉM

PROCURE UM BANCO DE SANGUE EM
SUA CIDADE

ARTE: VANUSA DA SILVA



CAPÍTULO I - SUCESSÃO HEREDITÁRIA

Os dois maiores orgulhos da médica Maria Antonia Casagrande são o Hospital Brasil (que herdou do pai) e a neta adotiva que chegou em sua vida, há quase três décadas, Laura Casagrande, ou Laurinha, como é carinhosamente chamada. A matriarca da família Casagrande é mão de ferro com todos ao seu redor, inclusive com seus filhos gêmeos, Salvador e Anna, mas sempre tratou a neta adotiva Laura com muito amor e companheirismo. O tratamento diferenciado para com a neta intriga a muita gente que conhece bem o jeito rude da doutora.

Maria Antonia se formou em medicina quando tinha 25 anos. Após algum tempo, decidiu morar o mais longe possível para se livrar da superproteção de seu pai, o também médico sanitarista José Casagrande. A Austrália foi o destino escolhido pela médica, porque o clima se assemelha ao do Brasil e não queria vivenciar os rigorosos invernos europeus, que já havia sido obrigada a enfrentar quando acompanhava seu pai nas inúmeras viagens que ele fazia para visitar amigos em Paris e em Londres. Outro motivo que a fez escolher a Austrália era que a viagem de avião do Brasil para lá, na época, demorava em torno de três dias e ela sabia que

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

jamais seu pai ousaria voar tanto tempo, mesmo que fosse para visitar a única filha. Assim, ela ficaria responsável por visitar os pais. O que fazia apenas uma vez no ano e a desculpa eram os estudos, que ocupavam a maior parte do seu tempo.

Maria Antônia amava a medicina, tanto que escolheu a profissão livremente sem pressão por parte de seus pais, porém não queria trabalhar no hospital da família, justamente porque teria que trabalhar com o seu pai, que a mimava de um jeito excessivo, sufocando-a. Segundo ele, os mimos era por ela ser a sua única filha. A jovem médica conseguiu ficar longe e se esquivou em assumir a sucessão da presidência do hospital da família, por quase cinco anos, mas a morte da mãe e o câncer terminal descoberto no doutor José Casagrande fez com que ela voltasse para casa. Conheceu seu marido, Bonifácio de Resende, quando ainda estava fora do Brasil. Com ele teve seus dois filhos.

O pai de Maria Antônia, Doutor José Casagrande, herdou uma grande herança de família, por isso, conseguiu cursar medicina tranquilamente e construir o Hospital Brasil, em 1930, na cidade de São Paulo. O médico, porém, não viveu o suficiente para ver o

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

império que sua única filha construiu a partir da herança que ele lhe deixou. Estaria orgulhoso da menina que ele dizia ser “lisa como a saboneteira”, quando o assunto era assumir a presidência do hospital. Maria Antônia se tornou a melhor médica na área de hematologia do país e fez também com que o Hospital Brasil, antes ignorado por ela fosse procurado por pacientes do mundo inteiro para tratar doenças raras.

O hospital sempre teve a maioria de seus leitos para atendimentos privados, mas, por ordem e desejo pessoal do seu fundador, desde a inauguração, reserva uma cota de 30% dos leitos para dar atendimento às pessoas mais necessitadas. Maria Antônia fez questão de manter em seu gerenciamento a filantropia que o pai começou.

O trabalho sempre foi a paixão da médica e, por meio dele, ganhou fama internacional, porém, o preço de tanta dedicação lhe custou caro, como o fracasso em seu casamento e o desprezo dos próprios filhos, que não a tiveram por perto enquanto cresciam. Antes, era uma mulher sorridente e generosa com todos ao seu redor. Ela ainda sorri, nos dias atuais, mas apenas quando vê a neta Laurinha, para a amiga Sueli e para os seus pacientes.

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

A médica após perder seus pais, fez um exame de consciência sobre a brevidade da vida; decidiu que atenderia apenas pela manhã os pacientes, e o período da tarde seria destinado a resolver assuntos da presidência do hospital. Não faria mais os plantões de 24 ou 48 horas, como tanto fez na Austrália. Queria ter mais tempo para os filhos. Como a médica sempre fez questão de dizer: “tudo é certo até que mude”. E foi assim, ao surgir um imprevisto, que ela viu a sua vida mudar ao atender uma paciente sem recursos financeiros. Esta história começou há mais de trinta anos...

Era 3 de maio de 1987, por volta das 21 horas, ao sair da casa de uma amiga que não via há tempos, Maria Antônia percebeu que havia deixado os rascunhos de uma palestra que daria na manhã seguinte em cima de sua mesa no hospital. Imediatamente, decidiu passar por lá e pegá-los. Assim que ela entrou na recepção, o pronto-socorro, localizado no térreo daquele prédio, recebeu uma ambulância e as sirenes do veículo gritavam. A paciente que acabava de chegar era uma garota, toda ensanguentada e inconsciente. Segundo o

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

paramédico que fez o resgate, a menina, de cerca de 15 ou 16 anos, foi retirada das ferragens de um Ford Del Rey, meia hora antes. O adulto que estava no carro, infelizmente, não resistiu aos ferimentos e morreu no local do acidente.

A adolescente havia perdido muito sangue e, pelos exames físicos iniciais, havia distensão no abdômen e um corte profundo na cabeça que, pela quantidade de sangue que jorrava, não era possível ver bem o rosto da paciente. O paramédico havia perdido a noção de quantas gazes usou para tentar conter a hemorragia. A médica de plantão naquela noite estava em uma emergência e a recepcionista do pronto-socorro viu a Dra. Maria Antônia, que entrou no hospital minutos antes da menina ensanguentada chegar ao PS. Ligou na sala da Dra. Maria Antônia, que atendeu prontamente. Ao ouvir que a médica de plantão estava em outra emergência e que o caso da menina era grave, apresentou-se em menos de cinco minutos no PS. Mesmo tendo se especializado em hematologia, ela não tinha abandonado por completo a cirurgia geral. Algumas vezes precisou operar, porque era a única médica disponível. Percebeu de imediato que o estado da menina era crítico, como a recepcionista havia dito. Apresentava 50 batimentos

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

cardíacos por minuto, o que corresponde a uma bradicardia* e a saturação estava em 88%** . A médica fez as perguntas triviais para a enfermeira que tentava obter acesso venoso na criança e para o paramédico que a resgatou no local do acidente:

- Qual o nome da paciente?
- Idade?
- Tipo sanguíneo?
- Os pais foram avisados?

Para cada pergunta, a resposta era: “Não sabemos”

Segundo o paramédico, a polícia, até aquele momento, estava tentando obter a identidade da adolescente e também do adulto que, havia falecido no local do acidente.

Imediatamente, a médica solicitou que a enfermeira Sueli (sua melhor amiga e a profissional que ela gostava de ter ao seu lado, quando atendia uma emergência) coletasse um pouco de sangue e levasse,

* Bradicardia é quando o ritmo cardíaco fica abaixo de 60 batimentos por segundo.

** O número da saturação indica qual a porcentagem de oxigênio está sendo transportada na circulação sanguínea. Geralmente, a saturação acima de 90% é considerada boa.

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

rapidamente ao laboratório, para obter a tipagem sanguínea. E enquanto não saía o resultado, trouxesse com urgência o sangue O negativo (O-)* para transfusão imediata. Sueli corria para o laboratório do hospital, e Maria Antônia “lutava” contra o tempo, empurrando a maca da menina com a ajuda de dois enfermeiros para o centro cirúrgico próximo... A recepção do PS, a pedido da Dra. Maria Antônia, ligava desesperadamente para o doutor Bonifácio de Resende (seu esposo), que era o neurocirurgião de plantão naquela noite. O doutor Bonifácio não aguentava a pressão que Maria Antônia lhe fazia tanto no casamento e no trabalho, e naquela noite resolveu não comparecer ao plantão para sair com os amigos, porém, não avisou no hospital... Parecia que tudo estava contra os esforços da médica.

Antes de se especializar em hematologia, quando morou na Austrália, Maria Antônia atuou como Cirurgiã Geral em sua primeira residência no Brasil e sabia os

* O sangue O negativo (O-) é considerado doador universal, porque não possui o antígeno (são moléculas que se ligam aos anticorpos para produzir anticorpos) em suas hemácias.

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

perigos que os acidentes oferecem a vida dos pacientes. Ao ver tantos casos de urgência e emergência resultando em mortes no hospital que trabalhou na residência, estrategicamente, solicitou a construção de duas salas de cirurgia no primeiro andar, próximo a uma das Unidades de Terapia Intensiva* e próximo ao PS do hospital, como alternativa para proporcionar atendimento rápido aos casos que chegavam, como o da adolescente, inconsciente, que ela atendia naquele momento. Por ironia ou azar, as duas salas de cirurgias próximas estavam sendo usadas naquela noite. Em uma delas estava a plantonista do PS, lutando para salvar a vida de um senhor de 68 anos, que era fumante há mais de 50 anos e horas antes havia sofrido um infarto. A outra sala era ocupada por uma senhora de 55 anos que havia sofrido também um acidente por estar embriagada e dirigindo em alta velocidade. A única opção era usar as salas de cirurgias dos demais andares.

* As Unidades de Terapia Intensiva (UTI) servem para o acolhimento de pacientes em estado grave, com chance de sobrevivência, mas que demandam monitoramento constante.

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

O elevador não chegava ao térreo, e a doutora Maria Antônia sabia que cada segundo perdido complicaria mais as chances da menina sobreviver...

Enquanto esperava, apesar de não ser o costume julgar as atitudes dos seus pacientes, achava tão injusto as duas salas estarem ocupadas, na tentativa de salvar a vida de pessoas que não souberam administrar esse presente dado por Deus, um por fumar demais e a outra por dirigir embriagada em alta velocidade, e ela ali, vendo uma menina que ainda poderia ter tanto pela frente...

Depois de cinco minutos de espera, o elevador chegou ao térreo. A médica e os ajudantes gritavam para as pessoas saírem o mais rápido possível do elevador. A adolescente foi posta na mesa de cirurgia. Nos pensamentos da médica, agora, era tudo ou nada.

Antes de pegar no bisturi, perguntou pelo esposo, que já havia solicitado à recepção do PS que o localizasse. Os enfermeiros presentes na sala responderam que não conseguiram falar com ele. A médica sabia que de nada adiantaria parar a hemorragia no abdômen se a parte neurológica também não fosse cuidada. Encarou por segundos os enfermeiros e eles tremeram, porque já haviam escutado os gritos da médica quando ela não estava feliz com uma resposta.

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

Ela apenas pediu para que tentassem localizar a sua cunhada, a doutora Anita de Resende. Anita era neurocirurgiã, e naquela noite tinha viagem marcada. Maria Antônia não recordava o horário da viagem da cunhada e ordenou que ligassem na Mansão Casagrande, pois a cunhada morava com ela, e no aeroporto, se preciso fosse.

Após dar a ordem, a médica voltou o olhar para o bisturi em suas mãos e começou o corte no abdômen da menina. Não foi surpresa a quantidade de sangue que estava entre os órgãos. A missão era localizar a fonte da hemorragia. Checou no intestino, fígado, artérias e não conseguiu ter uma boa visão. A hemorragia poderia estar vindo de qualquer lugar dentro do abdômen: estômago, rins, vesícula, pâncreas... Enquanto ainda checava os órgãos da menina, o interfone do centro cirúrgico tocou. Um dos enfermeiros atendeu: “Sim, eu entendi o recado.” Do outro lado da linha estava a enfermeira Sueli, que ainda aguardava no laboratório para saber a tipagem sanguínea da adolescente. Maria Antônia estava concentrada em localizar a fonte da hemorragia que não escutou o enfermeiro a chamar por duas vezes. A enfermeira próxima a ela conseguiu chamar a sua atenção e ela se virou:

SANGUE DOURADO: QUANTO VALE A VIDA?

— Doutora, a Sueli está dizendo que o responsável pelo laboratório nunca viu o tipo de sangue que o resultado indicou.

— Qual tipo?

— Ela disse ser um tal de Rh nulo.

A médica nesse momento se calou, abaixou a cabeça e não acreditava no que tinha acabado de escutar.

— Doutora, o que digo à Sueli? Ela está querendo saber se ainda precisará do sangue O negativo.

— Diz que... diz que... diz para ela vir, imediatamente para o centro cirúrgico. "Não pode ser, não pode ser... meu Deus" repetia a médica incessantemente. A enfermeira ao lado pensava ser sobre a hemorragia o sussurro, mas não. Maria Antônia sabia estar diante do maior caso da sua vida ou o segundo maior. A hemorragia estava intensa, e o que acabara de ouvir do enfermeiro deixava o quadro daquela menina ainda mais sério. Ela também sabia que, apesar do sangue O negativo ser universal, não serviria para aquele caso, pelo contrário, assim que o organismo da adolescente recebesse este tipo sanguíneo, ele iria rejeitar, podendo causar a morte da paciente.

— Sangue dourado* não, sangue dourado não.